

A cidade é contínua, O campo continua!

"Cidade" e "Campo" são já conceitos vagos¹ por terem perdido o seu significado mutuamente exclusivo, tal como foram construídos no senso comum. Este artigo procura, através da experiência directa, do levantamento e problematização de situações paradigmáticas, trazer para o debate o papel de formas e dinâmicas rurais que nos dias de hoje ainda têm lugar em contextos urbanos, tomando como exemplo a cidade do Porto e a sua relação particular com a água.

Por definição, e no imaginário colectivo, o conceito de ruralidade compreende a prática da agricultura e da criação de animais contextualizada num cenário natural. Como sabemos da impossibilidade da existência da Natureza no seu estado original mais puro, e que o que existe são paisagens com diferentes graus de artificialização usamos, por uma questão de rigor, a designação de "elementos biofísicos", embora conscientes da perda simbólica que daí advém.

Entende-se por "persistência rural", por um lado, a existência de práticas agrícolas nos nossos dias apesar da sua pequena relevância económica, e por outro, a insistência dos elementos biofísicos em se portarem como Natureza: das plantas que nascem nos sítios mais inusitados à água, que podendo, escolhe sempre o caminho mais fácil.

O Campo Continua!

Recentemente, a propósito da exposição "OMA/Progress"², Koolhaas refere o Campo como uma das suas actuais preocupações. Enquanto as cidades se tornaram progressivamente "Megacidades", estes "territórios deixados para trás" sofreram igualmente mutações: deixaram de ser os espaços de referência identitária por excelência, o sítio onde estão as raízes, para serem, também eles, moldados pelos fenómenos da globalização tal como ilustrado numa fotografia exposta onde um grupo de jovens tailandesas vestidas de *jeans* habitam e mantêm o *countryside* suíço.

Sobre as particularidades do Noroeste do nosso país, Álvaro Domingues aponta que "Se 97% da economia não é rural, o país, a sociedade e o território, são urbanos (por defeito e enquanto não se conseguir sair desta dicotomia)."³ Em *A Vida no Campo*⁴ documenta-se "o trauma da perda do Portugal Rural". A "desruralização" não conduziu, no entanto ao Portugal

1BOURDIN, Alain, O Urbanismo depois da Crise, Lisboa, Livros Horizonte, 2010

2Patente em Londres no Barbican Art Gallery até 19 de Fevereiro de 2012 com a curadoria do colectivo Rotor. "Current Preoccupations" é o espaço da exposição dedicado aos temas presentes com que o escritório se debate.

3DOMINGUES, Álvaro, "Destruição: Trauma da perda do Portugal rural", in Revista Punktó nº2 "Destruição", Maio 2011

4 Domingues, 2011, Dafne, Porto, no prelo à data da redacção deste artigo

Urbano mas a um processo complexo de metamorfose, produzindo uma paisagem e uma cultura “transgênica”.

De um modo lato pode-se afirmar que a própria ideia da cidade moderna é construída sobre uma noção ambígua por promover a possibilidade de qualidades rurais no novo contexto urbano. Princípios que vão da melhoria da qualidade do ar, à criação de espaços verdes no chão ou na cobertura dos edifícios até aos espaços individuais para cultivar e criar galinhas reforçam o papel da ruralidade como garantia de subsistência dos seus habitantes. Acrescenta-se que o lento processo de urbanização, que aconteceu por exemplo no caso do Porto, criou uma ocupação descontínua do território urbanizado deixando bolsas vazias de construção, favoráveis à manutenção dessas práticas rurais que se perpetuam até aos dias de hoje.

Os conceitos hierarquizados de “centro/periferia”, “urbano/rural” ou “cidade/campo” tornaram-se então insuficientes para, sozinhos, permitirem a compreensão do funcionamento urbano. Na representação da paisagem fica a imagem da *“faca sem lâmina a que se lhe tiraram o cabo”*⁵, perde-se a noção dicotómica da anatomia do território- a lâmina pode ser usada como pega e o cabo também serve para cortar. A realidade presente, em crise de identidade, define-se deste modo a partir da redefinição de outras duas: ausentes e em transformação.

A cidade do Porto

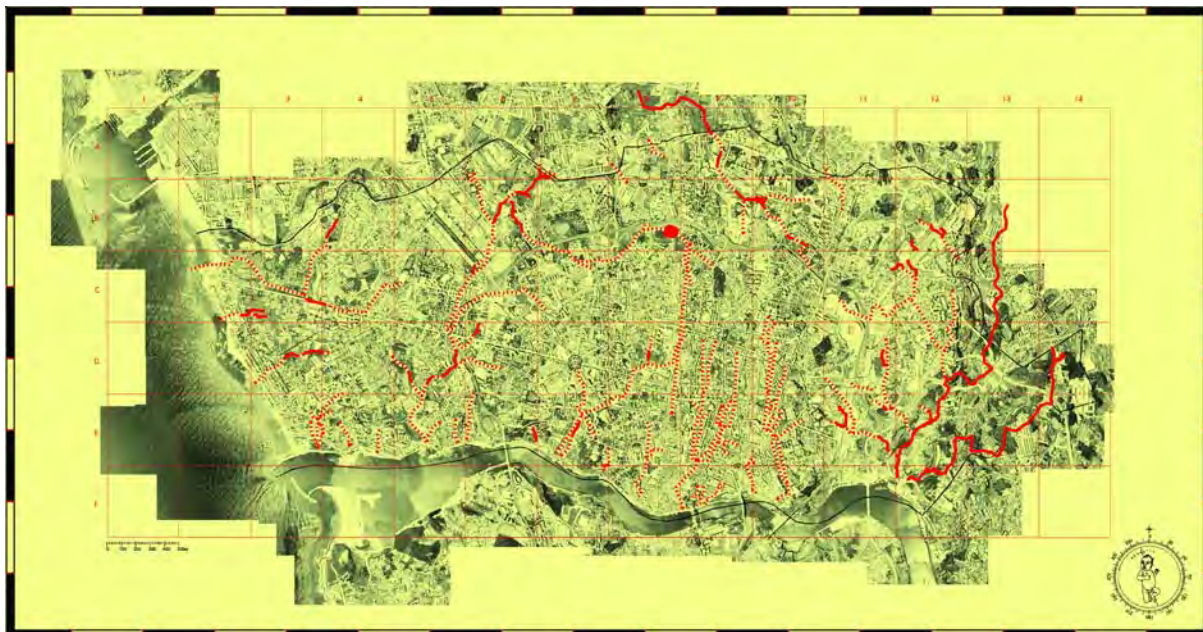
A cidade do Porto relaciona-se com a água de um modo particular que se identifica desde logo no seu nome, evidenciando a importância da actividade portuária do rio Douro como factor decisivo desde o estabelecimento dos primeiros povoados ao seu desenvolvimento com as ligações comerciais que possibilitava. Para além de uma extensa frente de rio e mar (9km e 3,5km, respectivamente) tem ainda uma trama de 66km de ribeiras e linhas de água que se estende à totalidade do seu território, estando cerca de 25% à superfície de forma dispersa. Estes fragmentos existem em intervalos do território que nunca foram urbanizados e caracterizam-se também pela permanência de construções rurais e de usos agrícolas.

A simultaneidade entre o desenvolvimento urbano e a manutenção destas práticas rurais é uma característica portuense que remonta ao seu processo de industrialização. A existência da água explica em parte esta coincidência no espaço e a transição da prática da agricultura às serrações e moagens até às fundições, como no caso de Massarelos. A faina fluvial do Douro, retratada por Manoel de Oliveira em 1931, corresponde ao período de maior movimentação da actividade portuária do Porto. Também aqui convivem os barcos a vapor com os carros de bois. A sua coincidência no tempo e as marcas que ainda persistem nos dias de hoje retratam a

⁵ Definição de “nada” do Barão de Itararé

particularidade do processo de modernização da cidade e do país comprovando que “*Nous n’avons jamais été modernes*”.⁶

A transferência definitiva da actividade portuária para o Porto de Leixões marca mais uma mudança do significado e do uso do Douro: de elemento natural a infraestrutura de transporte e saneamento e, finalmente, a suporte de actividades de turismo e de lazer.



Poderemos procurar de modo análogo o percurso de transformação das linhas de água: de elemento natural a infraestrutura de irrigação e saneamento doméstico e industrial. Com a transformação da indústria e o desenvolvimento do sistema municipal de saneamento, a dimensão estritamente funcional das ribeiras desaparece e, com esta perda funcional, perde-se igualmente a sua visibilidade. As seguintes imagens pertencem a um *atlas em desenvolvimento* e procuram dar a ler e dar um sentido a uma realidade tornada invisível a partir de alguns fragmentos.

⁶ LATOUR, Bruno, *Nous n’avons jamais été modernes: Essay d’Anthropologie Symétrique*, Paris, La Découverte, 1991

Fragmento I



De um viaduto de acesso à Via de Cintura Interna avista-se um tramo da ribeira da Granja onde a ruína de um moinho está revestida em parte por uma trepadeira e antigos terrenos agrícolas abandonados preenchem-se de vegetação espontânea. Ao fundo constrói-se no lugar da antiga fábrica de cobertores.

Em 1977, Mathias Ungers propôs com um grupo de arquitectos uma transformação de Berlim a que chamou "Berlin as a Green Archipelago". Como forma de colmatar o vazio criado pela destruição da guerra e pela redução da sua população, isolar-se-iam núcleos construídos a preservar; entre eles, uma floresta preencheria ao longo do tempo os espaços vazios, compensando a densidade entretanto perdida. O mar de verde funcionaria por um lado como um agente de preservação, embalsamando a identidade das ilhas urbanas a manter e relacionando-as entre si, e por outro como forma de remeter o passado para o esquecimento.

A lenta inundação de verde, como um dilúvio bíblico, depura o que já não serve e abre perspectivas para a sua renovação.

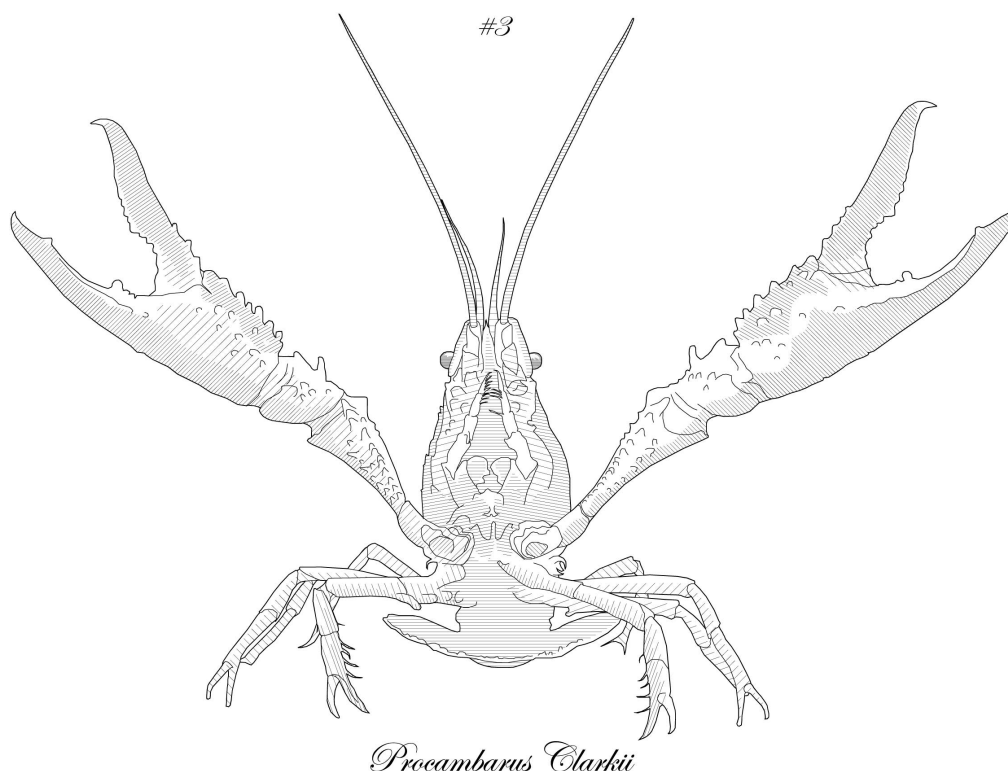
Fragmento2



Uma qualidade da agricultura é a sabedoria, adquirida ancestralmente, de domesticar a natureza para a tornar produtiva, o que se pode traduzir por exemplo na desmultiplicação de uma vertente em socalcos para fixar solos férteis e orientá-los de modo a tirar o melhor partido da exposição solar.

A persistência deste elemento rural com vista para o Douro em funcionamento torna-o uma cobiçada relíquia. A placa onde se lê *A quinta não está à venda* relembra que o desenvolvimento urbano desta área do Porto fez-se em grande parte por um novo processo de alquimia, de tornar urbanizáveis os terrenos agrícolas.

Fragmento 3



Procambarus Clarkii é o nome científico do lagostim vermelho da Louisiana, considerada uma espécie infestante em Portugal. A precisão com que se pode traçar o seu percurso, a julgar pelo que sugere a Wikipédia, é surpreendente:

“Foram transportados para a Península Ibérica em 1973 por empresários da zona de Badajoz. Aí, seriam criados para o abastecimento da linha alimentar. Passam para a bacia do Caia, afluente do Guadiana, onde são vistos pela primeira vez em 1979. E, dado o seu grande poder de reprodução e de sobrevivência e grande capacidade de construção de túneis, facilmente se espalharam por toda a Península.”⁷

A indústria alimentar que se refere é a da produção de farinhas de peixe e delícias do mar- um sucedâneo do marisco. O *Procambarus Clarkii*, que pode ser avistado também nas ribeiras do Porto, constitui igualmente um “sucedâneo” da espécie de lagostim autóctone, entretanto extinta em Portugal. O crustáceo simboliza, deste modo, a síntese entre o natural e a sua artificialização, entre um fenómeno local e a globalização.

⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Procambarus_clarkii

Fragmento 4



A definição do Domínio Público Hídrico visa o acesso e usufruto de uma faixa de 10m de cada lado nas margens dos cursos de água. Na freguesia de Ramalde, esta disposição fundamentou o estabelecimento recente de um percurso pedonal ao longo de uma ribeira urbana. Ainda em fase de sedimentação, esta intervenção constituiu uma oportunidade de estabelecer uma nova ligação de proximidade entre uma comunidade local e a rede de Metro (entre as estações do Viso e de Ramalde). Ao mesmo tempo, expõe uma realidade complexa onde convergem pequenas tipologias de características rurais e as suas hortas, blocos de habitação camarária e novos loteamentos de moradias. A ribeira tornada espaço público oferece uma leitura alternativa sobre o contexto: o alçado tardoz e as hortas das casas rurais tornam-se uma segunda fachada e os loteamentos são valorizados.

Fragmento 5



O reconhecimento de práticas, usos e apropriações, ainda que informais ou marginais, na relação com a água em contexto urbano são o tema deste último Fragmento. Como exemplo, a pesca desportiva ao longo das margens do rio Douro ou, numa variante menos visível, da pesca no lago criado pela inundação das fundações na obra interrompida do futuro Estádio do Salgueiros à Arca d'Água, contribuem para a confirmação da importância do contacto com a água, sustentada num usufruto e, portanto, numa necessidade específica já existente.

Trata-se de uma ligação informal à estrutura ecológica sem os rodeios de uma consciência ambiental. A relação estabelecida entre os utentes (pescadores) e o ecossistema será polémica: por se tratar de terrenos privados onde a vedação foi derrubada para acesso, pela estrutura verde ser constituída por espécies infestantes de propagação espontânea, pela inundação das referidas fundações resultar de uma implantação sobre um efluente da ribeira da Granja e pelas espécies pescadas terem sido lançadas pelos próprios pescadores.

Considerações finais

O processo de despoluição em curso destas linhas da água potencia a reconstrução, eventualmente nostálgica, de uma evocação da Natureza em que o *terrain vague*⁸ poderá constituir uma espécie de *hortus conclusus*, delimitado pela própria urbanização.

Esta atenção às especificidades locais, caso a caso, traduz-se para Luigi Mazza na identificação e promoção de factores de representação individual no espaço urbano capazes de produzir um sentido de pertença (a uma comunidade e a esse mesmo espaço): *“Changing land use and accessibility, spatial planning redefines civil and social rights of individuals and shape their way of life. From this standpoint spatial planning may be considered a citizenship practice.”*⁹ A promoção da fluidez e da acessibilidade é portanto um factor decisivo no processo de intervenção nos espaços urbanos que pode ser avaliado, como propõe, pela forma de cidadania que a organização das formas promove.

O contexto actual de crise económica e uma tendência crescente de valorização das questões ambientais, com uma adesão e reivindicação cada vez mais generalizadas e com peso crescente nas definições políticas, permite especular se a transformação destes espaços de características rurais não se fará já pelo habitual processo de edificação mas tomando como ponto de partida o reconhecimento das suas especificidades. Se as suas qualidades físicas e de suporte a actividades como o desporto e o lazer juntamente com práticas produtivas como a agricultura (em hortas urbanas, clandestinas ou legítimas), poderão ser potenciadas de modo a favorecer a sua fruição colectiva em articulação com sistemas de espaço público existentes. E, finalmente, se esta sua persistência ou resistência táctica, muitas vezes de carácter individual, poderá constituir matéria relevante para transformar a realidade visível.

⁸ SOLÁ-MORALES, Ignasi, Territórios, Barcelona, Gustavo Gili, 2002

⁹ MAZZA, Luigi, Spatial Planning and Citizenship: An Old Relationship, Milão não publicado, 2011